

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUSGURUPI
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

KAMILA LINO DA CRUZ

**A DIVERSIDADE DA CULTURA NO MUNICÍPIO DE PEIXE TOCANTINS:
TEATRALIDADE DO FESTEJO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

**GURUPI
2019**

KAMILA LINO DA CRUZ

**A DIVERSIDADE DA CULTURA NO MUNICÍPIO DE PEIXE TOCANTINS:
TEATRALIDADE DO FESTEJO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientador: Professora Ms. Adailson Costa dos Santos.

GURUPI

2019

CRUZ, Kamila Lino

Título: **A Diversidade da cultura no município de Peixe – Tocantins: Teatralidade do Festejo Divino Espírito Santo.**

Kamila Lino da Cruz. Gurupi – TO, 2019.

46 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *Campus* Gurupi, 2019.

Orientador: Ms. Adailson Costa dos Santos

1. Cultura. 2. Teatralidade. 3. Festejo do Divino.

A Diversidade da cultura no município de Peixe – Tocantins: Teatralidade do Festejo Divino Espírito Santo.

KAMILA LINO DA CRUZ

**A DIVERSIDADE DA CULTURA NO MUNICÍPIO DE PEIXE TOCANTINS:
TEATRALIDADE DO FESTEJO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de Graduação de
Licenciatura em Artes Cênicas apresentado
ao Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia - Campus Gurupi.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA AVALIADORA

Prof. Ms. Adailson Costa dos Santos
Presidente
IFTO – *Campus* Gurupi

Taiom Nunes Faleiro
Membro da Banca
IFTO – *Campus* Gurupi

Prof. Ma. Marli Fernandes Magalhães
Membro da Banca
IFTO – *Campus* Gurupi

Aos foliões que são essenciais ao Festejo do Divino Espírito Santo, às voluntárias que doam sua mão de obra em prol desta festa e a toda população peixense que participa e admira essa tradição cultural da cidade.

AGRADECIMENTOS

O Deus em primeiro lugar, pelo privilégio de viver por me sustentar durante toda minha vida!

À minha avó Domingas Lina da Cruz, que é minha base de vida, é para senhora vovó que dedico todo meu amor, carinho e dedicação. Eu te amo!

A todos meus professores que contribuíram de forma ímpar durante esse período de formação, transmitindo seus conhecimentos teóricos-científicos, experiências pessoais e profissionais. Obrigada mestres!

Um agradecimento especial ao professor orientador Me Adailson Costa dos Santos que com muita paciência dedicou horas preciosas de sua vida para me orientar. O senhor não tem ideia o quão grata eu sou por isso.

As minhas amigas Jocyelma, Geovanna, Diana, Tainara, Priscila. Sem vocês em minha vida, com certeza a minha caminhada na vida teria sido mais difícil. Obrigada meninas pelo apoio e incentivo!

“Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda!”

Mario Sergio Cortella

RESUMO

O Festejo do Divino Espírito Santo é uma festa tradicional religiosa que ocorre em diversos estados do Brasil, dentre eles o estado do Tocantins. Dentre as cidades do Tocantins que acontece esse evento, está o município Peixe que faz uma homenagem anualmente ao Divino Espírito Santo de maneira a refletir o costume devocional do povo peixense, evidenciando que esta celebração é um evento cultural retratado pela fé no festejo do Divino. O objetivo deste estudo é pesquisar a teatralidade do festejo Divino Espírito Santo no município de Peixe. É uma pesquisa de caráter exploratório baseada em estudos de artigos científicos relacionados com o tema, de entrevistas com os participantes. Esse festejo ocorre durante vários dias, com diversas programações diferentes, como a folia, as festas do Capitão do Mastro e Rainha e a do Imperador e imperatriz.

Palavras-chave: Cultura, Teatralidade, Festejo do Divino.

ABSTRACT

The Feast of the Divine Holy Spirit is a traditional religious festival that takes place in several states of Brazil, among them the state of Tocantins. The municipality of Tocantins is the one that has the municipality of the peixense people, evidencing that this is a cultural event portrayed by the faith in the celebration of the Divine. The objective of this study is to investigate the theatricality of the Divine Espírito Santo festivities in the municipality of Peixe. Is an exploratory research based on studies of scientific articles related to the subject, interviews with the participants. This celebration takes place over several days, with different schedules such as the folia, the parties of the Captain of the Mast and Queen and the Emperor and Empress.

Key-words: Culture, Theatricality, Feast of the Divine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DEFININDO CONCEITOS	13
1.1. Cultura	13
1.1.1. Cultura Popular	17
1.1.2. Teatralidade	18
2. DEFININDO O LOCUS	20
2.1. Tocantins	20
2.2. Peixe.....	22
2.3. Festejo do Divino Espírito Santo.....	24
2.4. Festejo do Divino Espírito Santo no município de Peixe	26
2.5. O Giro da Folia do Divino Espírito Santo	26
3. ANALISANDO O LOCUS A PARTIR DOS CONCEITOS	30
3.1. Teatralidade do Festejo do Divino Espírito Santo no Peixe	30
3.2. Momento da performance.....	32
3.2.1. Folia	32
3.2.2. Encontro das Folias.....	36
3.2.3. Festa do Capitão do Mastro e Rainha	37
3.2.4. Festa do Imperador e da Imperatriz	37
3.2.5. Personagens.....	38
3.2.6. Figurino.....	38
3.2.7. Comidas.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

A arte é uma atividade característica da raça humana que nos possibilita retratar momentos, expressar emoções, imprimir críticas e perpetuar culturas de determinados lugares ou povos. Assim sendo, a diversidade cultural presente no Festejo do Divino Espírito Santo que acontece no município de Peixe Tocantins tem por objetivo conservar a cultura de devoção desta cidade.

Esse evento, que acontece anualmente neste município, reflete o costume devocional do povo peixense, de tal maneira, que pode se afirmar que ele é uma cultura retratada a fé presente neste festejo. Afirma-se isso baseado nos escritos de Daniela Canedo, segundo ela a cultura, dentre outras significações, pode ser compreendida como a arte responsável pela evolução da mente humana, e que essa arte passa a representar a própria cultura. (CANEDO, 2009, p. 2)

Neste sentido, a Festa do Divino pode ser denominada como sendo uma festa tradicional popular, pois Vera Lúcia Pergo (2007) ao descrever o que seria festa popular fala que “as festas populares são tradições que constituem a resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes”. (PERGO, 2007, p. 1)

A festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação tradicional religiosa que ocorre em diversos estados do Brasil, dentre eles, o estado do Tocantins. Em muitas regiões desse Estado ocorrem os festejos ligados a várias devoções, como por exemplo: Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo e dos santos padroeiros locais. Segundo Noeci Messias (2010, p. 20) as comunidades brasileiras têm seus hábitos e culturas herdados dos portugueses, africanos e povos indígenas, e que através disso foi se formando as manifestações religiosas com um toque especial da cultura popular, no meio destas manifestações está o festejo, que é alvo de estudo deste trabalho.

Embasado no que foi dito por Messias no parágrafo anterior percebe que o Festejo do Divino Espírito Santo, é uma manifestação religiosa herdada dos portugueses e que de acordo com Lorena Santana (2013, p. 9) “ele existe no Brasil há pelo menos 100 anos”. O segredo de essa tradição conseguir resistir a tanto tempo, se deve ao fato dela se adaptar e adquirir novas características e, muitas vezes, novos sentidos. Ainda de acordo com Santana (2009, p.9) no começo esta festa era uma romaria de devoção, onde fiéis apenas carregavam a bandeira do divino.

Neste sentido a missão é buscar conhecer a história que cerca a arte cultural do Festejo do Divino Espírito Santo do município de Peixe e compreender a teatralidade apresentada neste festejo.

A justificativa desse estudo se dá na importância de conhecer as manifestações culturais realizadas no município de Peixe, pois proporcionam o registro histórico incentivando a divulgação e fomento cultural dessa cidade. Este texto foi construído para disseminar a cultura da região de Peixe.

É preciso inicialmente definir os conceitos que foram utilizados neste trabalho. Assim sendo, no primeiro capítulo realiza-se a definição dos conceitos necessários para se compreender os principais pontos da pesquisa, e no segundo capítulo se fará a definição do locus, para na sequência, no terceiro capítulo, nos voltarmos para o estudo da Festa do Divino Espírito Santo.

1. DEFININDO CONCEITOS

Faz-se necessário neste primeiro tópico desta pesquisa a definição dos conceitos, da forma como os consideramos, para que o leitor possa compreender a ótica das leituras realizadas nesta. Segue-se, portanto, as definições dos conceitos de Cultura, Cultura Popular e Teatralidade.

1.1. Cultura

O termo cultura vem da origem semântica *colore*, originando a palavra cultura em latim que significa habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. (WILLIAM, 2007, p.117). Ao longo do tempo esse termo foi ganhando um sentido figurado, passando então a ser designado como a soma de conhecimentos obtidos e repassados pelos seres humanos de forma geral, ao longo de sua história. (CANEDO, 2009, p.2).

Outro sentido conotativo da definição de cultura é abordado por Bronislaw Malinowski em seu livro *Uma Teoria Científica da Cultura* (2009, p.42), como sendo um conceito relacionado com o fato biológico no que diz respeito a tudo que o homem usa para “solucionar problemas”, com objetivo da perpetuação da raça humana.

Os seres humanos são uma espécie animal. Estão sujeitos a condições elementares que tem que ser atendidas de modo que os indivíduos possam sobreviver à raça continuar e os organismos em conjunto serem mantidos condições de funcionamento (MALINOWSKI, 2009 p.42).

Malinowski (2009, p.44) não só faz a definição de cultura ao fator solução de problemas, segue dizendo que cultura também é organização, uma vez que, para o perfeito funcionamento do sistema social é preciso manter bem definidos os setores de atividades. A fim de realizar, qualquer objetivo, atingir qualquer fim os seres humanos têm de se organizar” (MALINOWSKI, 2009 p.42).

Para finalizar a definição de cultura na perspectiva de Malinowski (2009, p. 46) ele diz que nenhuma cultura abrange toda forma de manifestação cultural, mas que cada uma tem sua própria extravagância e excentricidade. Destaca ainda que cada cultura tem que se assegurar com intuito de satisfazer as necessidades básicas, materiais e de integração de quem a ela pertencer.

Ainda trabalhando o conceito de cultura, faz-se a apropriação da definição dada por Cristiane Porto, onde ela relata que existem algumas ligações entre as origens das culturas, pois há valores e significados que rondam o ensinamento desta, que está sempre em constante modificação, existindo um ciclo geral que se dá através de alguns processos desiguais.

Importante evidenciar que, existe uma convergência silenciosa das diversas concepções de cultura. A ideia que norteia parte dos estudos sobre cultura considera que a partir de sua dupla função de orientadora e tradutora de processos comunicativos, materializados em múltiplos sistemas simbólicos, convicções e valores, ela porta-se em constante transformação. As interlocuções teóricas sobre cultura demarcam, transparentemente, uma propensão a entendê-la como uma construção de um saber coletivo produzido por processos cognitivos e comunicativos diferenciados, em função dos quais os indivíduos definem as esferas que são denominadas de realidade (PORTO, 2011, p. 96).

Observa-se, portanto que Porto, evidencia que a cultura tem duas funções, sendo a primeira orientar e a segunda traduzir os processos de comunicação existentes dentro dos diversos sistemas de crenças, tradições e costumes, portanto as divergentes culturas presentes em um povo ou população, denominam suas realidades, nas quais os indivíduos são formados.

Olinto (2008, p.74) relata que a teoria cultura pode ser descrita como um mecanismo que estabelece ordem dentro de comunidade, também pode ser vista como sendo a que imprime a estabilidade espacial e destaca que a cultura não é permanente, mas se estabelece apenas por um determinado tempo.

Visto que a cultura não é permanente, faz se necessário falar sobre sua hereditariedade. Observando a perspectiva de José de Oliveira (2010, p. 2) pode se dizer que cultura não é hereditária, mas sim uma implantação que o homem estabelece nos ambientes sociais. Segundo ele cultura se resume ao fato de ser humano adaptar-se ao meio que vive. Ele descreve:

Através da cultura o ser humano é capaz de vencer obstáculos, superar situações complicadas e modificar o seu habitat, embora tal modificação nem sempre seja a mais favorável para a humanidade, como podemos perceber atualmente. (OLIVEIRA, 2010, p. 2)

Para explicar porque cultura não é hereditária Oliveira (2010) cita que a cultura é repassada entre diversas gerações, ou seja, ela é aprendida em um método de acumulação de saberes, porém nesse processo de aprendizagem, o aluno pode

implementar, inventar, modificar. Desse modo este autor reafirma que cultura não se herda geneticamente, mas que vive em constante processo de mudança por quem a faz, ou seja, pelo homem.

Seguindo a linha de raciocínio sobre a relação homem e cultura Sidney Mintz (2009, p. 245) cita que “o que está claro para mim é que as pessoas conduzem a maior parte das suas ações com base em suas experiências e aprendizados passados.” Ele segue dizendo “tais aprendizados e experiências podem ser amplamente compartilhados, mesmo de uma maneira não uniforme.” (MINTZ, 2009, p. 245). Em resumo para Mintz cultura é um produto histórico de uma relação sociedade-cultura embora, ambos podem ser definidos separadamente, esta relação é prontamente aceita e compreendida no meio social.

Dando sequência ao encargo de definir o que é cultura, Roque Laiara (2001 p.16) relata que os diversos comportamentos sociais e as posturas corporais são maneiras de produzir um patrimônio cultural. Assim sendo, fica fácil a identificação de indivíduos de culturas distintas em virtude de uma série de traços, por exemplo, a maneira de andar, falar, agir, sem contar com a evidência das diferenças linguísticas, e o caso real da observação empírica.

É importante ressaltar que nenhum ser humano é apto para estar dentro de todos os fundamentos de sua própria cultura. Este acontecimento é de tal maneira um ponto de complexidade no interior das organizações com um alto grau de instabilidade (LARAIA, 2001, p. 24).

Por fim Laiara (2001, p. 67) descreve:

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.

Nesse trecho percebe-se que para Laiara (2001, p. 67) a cultura condiciona a visão de mundo do homem e o seu comportamento diante daquilo que ele considera incomum. Outro fato que precisa ser pontuado é que, ao dizer “a nossa herança cultural” Laiara evidencia sua crença na visão de que cultura é herdada dos antepassados.

Ao procurar outras significações para cultura depara-se com o conceito dado por Ana Flávia Rocha e Silva (2005, p.11) afirmando que “cultura é constantemente associada à sabedoria, educação e, até mesmo, à sofisticação”.

Neste ponto de vista, cultura tem como significado um nível social e educacional, estando destinado aos tidos como doutrinados; letrados, sabedores e cultos das artes, ciências, dentre as demais áreas do conhecimento (SILVA, 2005, p.11).

Tentando aprofundar a conceituação de cultura partimos para o conceito descrito por Roberto Matta (1981, p. 2), ele fala que cultura pode ser definida quando um antropólogo social a pronuncia de modo que seja usado para a interpretação da vida social. Matta (1981, p. 2) segue dizendo “porque para nós ‘cultura’ não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de ‘civilização’ mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa”. Então, cultura dentro da visão de Antropologia Social e Sociologia é uma forma, um esquema, um gráfico, um mapa pelo qual as pessoas, que fazem parte de um determinado grupo social; pensam, estudam, rotulam e transformam o mundo e a si mesmo. (MATTA, 1981, p. 2)

Assim sendo, Matta (1981, p. 3) afirma que no contexto da antropologia a cultura é interpretada como sendo normas que regem o comportamento humano dentro de um grupo social, “no sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado” (MATTA, 1981, p. 3).

Ele segue afirmando que é através da cultura que pode compreender-se a diferença entre a sociedade e o homem. Essas diferenças; diferentemente do que pregava alguns estudiosos no passado que diziam que eram dadas mediante um meio geográfico ou uma linhagem; todavia são dadas a partir de diferentes configurações ou relações que cada grupo determina no decorrer de sua história. Porém é importante evidenciar que a base destas configurações, é sempre uma seleção comum de competências (MATTA, 1981, p. 3).

Diante do que tudo que foi exposto, no que se refere a pluralidades de conceitos existentes de cultura, chama atenção à definição simples dada por Daniela Diana (2018, p. 1) “cultura é o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social”. Para ela a cultura pode ser considerada um patrimônio cultural e que são repassadas as gerações futuras através da comunicação e aprendizagem.

Disto isto, é necessário ressaltar que existem vários tipos de cultura como, por exemplo, cultura de massa, erudita, material, corporal, organizacional e popular. Sendo que a definição desta última é apresentada logo abaixo, pois a mesma está

relacionada à tradição de um povo, e se faz necessária para o aprofundamento das questões deste trabalho.

1.1.1. Cultura Popular

A cultura popular tem um conceito múltiplo e difuso e vai desde a afirmação que a ela está associada aos saberes de um povo até a ideia de que a cultura popular resiste à dominação de classe (ARANTES, 1990, p.7).

Depois de observar várias teorias de diversos autores, sobre vários pontos de vista, o pesquisador Antônio Arantes (1990 p. 78) descreve que:

Nesse sentido fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é construir com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares, e concretas, o que é mais abstrato e geral um grupo humano, ou seja, a sua organização que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade. Esse é, a meu ver, o sentido mais profundo da cultura, 'popular' ou outra.

Para Arantes (1990 p. 78) cultura popular ou qualquer outro tipo de cultura se resume em arte, tudo aquilo que é artístico, considerando também os adornos utilizados por quem a pratica.

Já Cássia Assis e Cristiane Nepomuceno (2007 p. 2) ao definir o que seria cultura popular, mista diversos conceitos e conclui que cultura popular é algo espontâneo, que se vive no cotidiano como a tradição e a troca de saberes.

É inegável que cultura popular esta intimamente ligada ao povo, mas o que seria povo dentro do conceito desse tipo de cultura? Para povo também existem várias acepções, políticas, econômicas e sociais. Mas geralmente se refere à camada mais pobre do sistema social. Portanto, cultura popular é um agrupamento de práticas vivenciadas pelo povo, como também instrumentadas pela elite. (ASSIS; NEPOMUCENO, p. 2)

Assim sendo, pode se afirmar que a cultura popular é o resultado da sabedoria oral, daquilo que é impregnado na mente humana antes mesmo dos conhecimentos científicos. Possui características com múltiplas faces como o saber e o saber fazer e está aberta sempre a inovação. Não é apenas baseada na tradição, mas se expressa também no que é vivido no hoje (ASSIS; NEPOMUCENO, p. 2).

Buscando uma definição menos politizada e mais simples de cultura popular é valido fazer menção de Roger Chartier (1995, p. 183) que ao revisar esse

conceito historiograficamente fala que cultura popular pode ser vista como o contraste da cultura dominante, elitista e letrada.

Chatier (1995, p. 181) relata também que essa cultura tende sempre em ser abafada, porém se caracteriza por se uma cultura resistente “que renasce das cinzas”.

Outra transformação radical situa-se antes e depois do surgimento de uma cultura de massa: supõe-se que os novos instrumentos da mídia tenham destruído uma cultura antiga, oral e comunitária, festiva e folclórica, que era, ao mesmo tempo, criadora, plural e livre. (CHATIER, 1995, p. 181)

Nesse contexto ao falar que o aparecimento da cultura em massa contribuiu para o abafamento da cultura popular, Chatier (1995, p. 181) descreve de maneira clara o que seria cultura popular: “cultura antiga, oral e comunitária, festiva e folclórica, que era, ao mesmo tempo, criadora, plural e livre”.

Desta forma entende-se o porquê houve necessidade de definir o conceito de cultura, pois a mesma é criada e praticada pela população em geral de maneira livre, sem se preocupar com a opinião da elite. É exatamente isso que pode se observar no Festejo Divino Espírito Santo que ocorre no município de Peixe.

1.1.2. Teatralidade

O teatro é uma das artes que compõe a constituição de cultura, e a teatralidade será um dos requisitos analisados no festejo do Divino Espírito que é foco deste artigo, por isso faz-se necessário conceituá-lo.

Segundo Jean Gonçalves e Marcelo Pereira (2018) o conceito de teatralidade não está relacionado apenas ao evento teatral em si, porém implica em uma gama de práticas e fenômenos na vida social, na linguagem, nas artes, na literatura, na filosofia e que giram e se movimentam na indiferença ou naquilo que consideramos como interdisciplinar (GONÇALVES; PEREIRA, 2018, p. 14).

Ainda segundo os autores teatralidade, “aduz a um espaço ou a um olhar sobre determinadas práticas e/ou comportamentos” (GONÇALVES; PEREIRA, 2018, p. 14). A característica teatral é produto de uma separação de espaço inaugurada por uma ação cognitiva ou um ato de performance daquele que assiste (o espectador) e daquele que encena.

A definição de teatralidade caminha frequentemente dentro dos estudos das ciências literárias e sociais, a filosofia, a psicologia e a antropologia. A teatralidade seria um recurso, segundo Suzana Thomaz (2016) no qual o artista modifica o olhar

das coisas com o intuito de obrigar pessoa que assiste 'vê-la de maneira diferente'. Ela consiste na existência de um descompasso entre a vida e a cena, entre a ação natural e a ação teatralizada (THOMAZ, 2016, p. 313).

Para a autora, a teatralidade refere-se a um fenômeno que necessita ao mesmo tempo de um sujeito/objeto *observado* (o performer ou a cena) emissor/portador de signos, e de um observador (o espectador) que tenha a capacidade de reconhecer e de discernir esses signos enquanto tais (THOMAZ, 2016, p. 312). Esse processo pode mudar em razão de inúmeros fatores o contato entre os dois, a bagagem e o meio cultural, a época e o espaço de apresentação, o contexto social e político em questão, e, é claro, o desejo de comunicar (transmitir e receber) por meio de convenções, signos e códigos comuns (THOMAZ, 2016, p. 316).

Na busca de uma definição mais simples do que seria teatralidade encontra-se o conceito dado por Hayaldo de Oliveira (2010 p. 2) que expressa a teatralidade como sendo “toda uma espessura de signos que existem no teatro, representados não pelo texto enquanto conjunto de palavras, mas sim, pelo texto em seus aspectos cênicos, sua visualidade e sonoridade, e todos os elementos da cena propriamente dita”. Com isso Oliveira está dizendo que a teatralidade pode ser considerada como o conjunto de linguagens não verbais que compõe uma cena teatral, e este conceito pode, associando esta concepção com a anteriormente apresentada de Thomas, com aspectos culturais do cotidiano.

Oliveira (2010 p. 3) também acredita que a teatralidade não está ligada somente ao fenômeno teatral (teatro) e pensar que a teatralidade vai além de uma cena teatral é importante, porque ajuda o espectador no ato de compreender as atuais práticas artísticas.

Nesse sentido, creio que pensar a teatralidade para além do especificamente ligado à arte do teatro torna-se importante, pois permite, ao mesmo tempo, distanciar e estabelecer interseções com outras formas de expressão artística e campos de conhecimento. Trata-se de perceber a teatralidade como um conceito operativo, que pode auxiliar a teoria não só no entendimento das práticas contemporâneas no teatro, mas também, como um conceito que pode operar para fora dos limites desta cátedra (OLIVEIRA 2010 p. 3).

Oliveira segue admitindo que a teatralidade não se limita ao teatro, pois se pode analisar, por exemplo, uma imagem (fotografia) ou uma pintura e perceber que nela também há teatralidade (OLIVEIRA, 2010, p. 4).

Buscando relacionar a teatralidade com tradição encontra-se a definição do termo teatralidade dada por Laís Costa (2008, p. 2) que diz que a mesma surgiu da

relação das culturas populares com os aspectos presentes dentro da tradição cultural de um povo. Ela adiciona a discussão os aspectos da ritualística, também presentes em diversas manifestações culturais populares.

Esses aspectos estão presentes nos versos cantados; na coreografia; nos figurinos e adereços; nos personagens que se revelam nas danças; nos movimentos, mímicas e gestos com características coletivas e individuais; na relação com o cenário ou espaço, e na improvisação. Nos grupos populares de tradição, como são os ternos de Congado, observa-se principalmente aspectos ligados à ritualidade. (COSTA, 2008, p. 2).

Desta maneira, pode-se falar em teatralidade presente no Festejo do Divino Espírito Santo, partindo da relação que a mesma tem a tradição cultural, presente nos figurinos e adereços, nos foliões, nas danças e rituais.

2. DEFININDO O LOCUS

No segundo capítulo deste trabalho nos debruçaremos em apresentar ao leitor os dados necessários para a compreensão dos locus geográficos desta pesquisa, a saber, o estado do Tocantins e o município de Peixe. Além do locus geográfico, é importante localizar o leitor no que diz respeito à Festa do Divino Espírito Santo, suas organizações e ritualísticas. Sendo assim, este capítulo também se voltará a descrever a festa de uma forma geral, bem como apresentar detalhes da manifestação desta no município Peixe.

2.1. Tocantins

De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), o Tocantins é o estado mais novo do Brasil, sua criação tornou-se oficial em cinco de outubro de 1988, através do artigo 13º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição. Porém só foi instalado em 1º de janeiro de 1989, emancipado de Goiás.

Sua população é estimada em 1.555.229 habitantes e está localizado na região Norte do Brasil como mostra a figura 1. Possui uma área total de 227.620,914 km² e é dividido em 139 municípios.

Figura 1- Localização do Tocantins no mapa do Brasil



Fonte: Google¹

O Tocantins foi desmembrado do Goiás, como dito anteriormente, através de muita luta política, validada pelo processo de redemocratização do Brasil a partir de 1985, a questão da redivisão territorial entra novamente em cena, com a instalação da Assembleia Nacional Constituinte (ANC), em 1987. De acordo com Nilton de Oliveira (2018, p. 54) foi por causa de várias comissões para discutir o que seria acrescentado à nova Constituição Federativa do Brasil de 1988, que possibilitou a instituição de novos estados, cujo relator era o então deputado federal José Wilson Siqueira Campos do Partido Democrata Cristão de Goiás (PDC-GO).

Vale ressaltar que o movimento separatista do norte de Goiás, (atual Tocantins), do Sul do Goiás se iniciou no século XIII por vários fatores, entre eles estão à proibição da navegação no Rio Tocantins para coibir o contrabando de ouro e a cobrança do imposto de captação (OLIVEIRA, 2018, p. 58).

Tais fatores contribuíram para o declínio da mineração do norte goiano, possibilitando a entrada da agricultura e pecuária, uma vez que havia muitas terras despovoadas. Na contramão disto, estava a economia dessa região, que a essa altura estava praticamente isolada do sul do Goiás. (OLIVEIRA, 2018, p. 59-60).

¹<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tocantins>

Para Oliveira (2018 p. 64) tudo isso reforçou a ideia de que era necessária a separação das regiões norte e sul do estado de Goiás, que se tornou realidade a partir da instauração da nova Carta Magna do Brasil em 1988.

2.2. Peixe

Peixe é um município brasileiro localizado na região sul do estado do Tocantins (figura 2), criado em 1895 com terras desmembradas de São João da Palma que atualmente é o município de Paranã. Sua população é estimada, de acordo com o IBGE (2010), em 11 623 habitantes (PEIXE, 2017).

A cidade de Peixe foi criada a partir da ida do senhor Alferes Alfredo Ramos Jubé e Dmitri França, para a região sul do estado do Tocantins, mais precisamente as margens do rio Tocantins, com eles vieram também vinte tropeiros, com o objetivo de impedirem ataques dos índios Canoeiros aos emissários de Vila Boa de Goiás (PEIXE, 2017).

Segundo Cardoso (2013) no intuito de defender o arraial, Ramos Jubé construiu ali a primeira casa de telhas, parecida com um forte. Protegida por Alferes Ramos Jubé, à beira do porto, foi se formando um povoado com a vinda de famílias das cidades do Carmo, Natividade, Paranã, Conceição do Norte, Porto Nacional, Caititê (BA) e Gilbués (PI). Os primeiros moradores desse povoado foram: Francisco da Silva Montes e Joaquim Tavares (o primeiro passador do porto local) e seus filhos Teotônio e Raimundo Tavares de Brito que ajudaram Alferes no combate aos índios (CARDOSO, 2013).

A respeito da escolha do nome dessa cidade, uma lenda recorrente na cidade conta a história de uma grande enchente, onde um dos córregos que banhavam o povoado transbordou e um enorme peixe ficou encalhado em sua margem. Na sequência esse peixe foi encontrado por uma caravana vinda de Vila Boa de Goiás tendo como destino a cidade de Natividade, desde então, os viajantes diziam, “vamos passar pelo rio onde foi encontrado o peixe”. Todavia com o passar dos anos abreviou-se a frase passando a dizerem apenas: “passaremos em peixe”. E assim

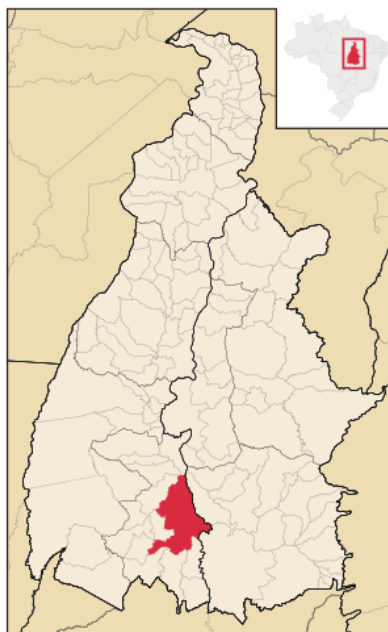
ficou conhecido este município. Não só ele leva este nome, mais também o córrego pelo qual subiu o enorme peixe e a lagoa onde foi encontrado. Ambos ficaram conhecidos por córrego do peixinho e lagoa do peixe (PEIXE, 2017).

A Lei Estadual nº 64, de 20 de junho de 1895, deu autonomia política ao Distrito de Peixe, com o mesmo topônimo, desmembrando-o do Município de São João da Palma (hoje Paranã) e instalando-o neste mesmo ano. Posteriormente, em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1936, o Município de Peixe apareceu com o nome de Santa Terezinha. Finalmente, novamente pelo Decreto-Lei Estadual nº 557, de 30 de março de 1938, apareceu com o nome atual.

Com relação à cultura da cidade de Peixe atesta se o quão diversos são os costumes e hábitos do povo tocantinense, são muitas narrativas, benzimentos, rezadeiras de bendito, receitas de chás, comidas típicas, bolos e as tradicionais festas em homenagens aos santos das regiões que veem carregadas de folclores, ritos e tradição (QUEIROZ, 2015).

Uma destas festas tradicionais é o Festejo do Divino Espírito Santo, que de acordo com Santana (2013) foi criada há mais de 100 anos no Brasil. Para esta tradição conseguir resistir ao tempo, teve que se adaptar e adquirir novas características e, muitas vezes, novos sentidos. Na forma original, a Folia do Divino Espírito Santo era uma romaria de devoção, onde fiéis carregavam a bandeira do divino por vários quilômetros em cavalo.

Figura 2 - Mapa da localização do município de Peixe no estado do Tocantins



Fonte: Google¹

2.3. Festejo do Divino Espírito Santo

O Festejo ou a Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação popular de origem portuguesa. Apesar de hoje essa festa se concentrar apenas em poucos distritos rurais, no século XVI essa festa era celebrada em todas as regiões do país Luso. (WILLEMS, 2016, p. 145)

Com a colonização do Brasil pelos portugueses veio à tradição de celebrar o Festejo do Divino Espírito Santo. Embora haja algumas diferenças “percebe-se em diversas regiões brasileiras o culto e festa ao Divino Espírito”. (MACHADO, 2014, p. 35)

Assim sendo, o Festejo do Divino Espírito Santo é o reflexo da cultura luso-brasileira, sendo uma tradicional festa popular que faz uma homenagem ao Dia de Pentecoste, como descreve Sândala Machado (2014, p. 35) no trecho abaixo:

Esta festividade começa cinquenta dias após o domingo de Páscoa, dia de Pentecostes, que representa a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Cristo e é parte do calendário litúrgico católico, mais especificamente do ciclo da Páscoa.

¹ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Peixe_\(Tocantins\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Peixe_(Tocantins))

O dia de Pentecoste é segundo Machado (2014, p. 35) o dia que o Espírito Santo desceu sobre os cristãos da igreja primitiva que estavam reunidos a sua espera.

Para entender melhor o contexto histórico do dia da Pentecoste vamos à fonte primária que relata essa história, a Bíblia Sagrada.

Jesus Cristo depois de cumprir sua missão na Terra foi crucificado, porém ressuscitou ao terceiro dia como é descrito na Bíblia no livro de Marcos, capítulo 16 e versículo 9: “Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios.”.

Por coincidência o dia da ressurreição de Cristo se comemorava a Páscoa, dia que os judeus comemoravam sua libertação da escravidão que viveram no Egito, e cinquenta dias após a páscoa os judeus celebrava o Pentecoste em agradecimento as colheitas. (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2015, p.2)

Foi neste dia que segundo Bíblia houve a descida do Espírito Santo sobre os cristãos, que é a terceira pessoa da Trindade:

Atos 2:

- 1 Chegando o dia de Pentecoste estavam todos reunidos num só lugar.
- 2 De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados.
- 3 E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles.
- 4 Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava.

Pode se afirmar que a Igreja nasceu com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, tornando-os capazes de cumprir a missão que lhes fora confiada com todo poder e fortaleza, como mostra o seguinte trecho: “os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas.” Atos 2:41.

Desta forma não é difícil entender porque os cristãos fazem o Festejo do Divino Espírito Santo em homenagem a terceira pessoa da Trindade e perceber o quão importante são para eles essa celebração.

Assim sendo, o próximo tópico deste trabalho irá relatar como ocorre o Festejo do Divino Espírito Santo no município de Peixe Tocantins, quais são as personagens, músicas, comidas, figurinos, visitas e demais simbologias que compõe essa festa.

2.4. Festejo do Divino Espírito Santo no município de Peixe

Os trechos apresentados neste tópico foram construídos com base nas conversas realizadas entre a pesquisadora e os membros da comunidade do Peixe e participantes da festa.

Antes de começar a falar sobre o início do Festejo do Divino Espírito Santo, é preciso voltar um ano atrás e descrever um pouco sobre o último dia do Festejo anterior para compreender o processo de formação desta festa.

Na missa do último dia do Festejo, que acontece em um domingo, o padre determina a data de início do Festejo do próximo ano. É ele quem marca o dia da benção para a saída da folia, a chegada da folia, a missa dos vaqueiros, a festa do capitão e rainha, e a festa do imperador e imperatriz. É preciso ressaltar que essas datas não são marcadas aleatoriamente, mas que tudo é programado para que a chegada das folias aconteça três dias antes do dia de Pentecoste. Também é nessa última missa que é feito o sorteio que define os festeiros e despachantes das folias do próximo ano.

Nessa última missa acontece também a festa do padroeiro, que é uma missa solene em homenagem ao dia de Pentecoste, dia da descida do Espírito Santo sobre os cristãos da igreja primitivo. Esta missa é finalizada com uma reza de agradecimento pelo Festejo que terminou e uma nova passagem para o Festejo do próximo ano.

Agora sim, pode se falar do início do festejo: ele inicia com uma missa de benção para o envio das bandeiras, ou seja, o padre abençoa a saída de três folias da cidade de Peixe para girarem pela zona rural e distritos desse município.

2.5. O Giro da Folia do Divino Espírito Santo

Depois de receber a benção do padre os foliões saem no sertão para os giros das folias. Quando se fala em giro da folia, está se referindo ao percurso que a folia faz desde quando da cidade até o momento de seu retorno.

A Folia é composta por doze foliões, que representa os doze apóstolos de Jesus e como Jesus andou com os doze apóstolos, os foliões também percorrem a município pregando a palavra de Deus. Os doze foliões seguem pregando a palavra

com rodas de cânticos, esses cânticos são orações em forma de canção e as rodas são músicas animadas para diversão dos foliões, moradores e visitantes.

Cada um desses foliões tem uma atribuição dentro da folia:

-encarregado: que conduz a bandeira do Divino, ele também é o responsável por toda a organização interna da folia, pelos foliões e pelo dinheiro arrecadado no giro. -

arrieiros: são os guias da folia, também conhecido como “bagagem”, pois vão à frente conduzindo a bagagem, ficam responsáveis por ajudar os donos da casa onde a folia vai pousar, são responsáveis também, por todos os instrumentos, pela tropa da folia, por toda a arriação e pelos pertences e alimentos dos foliões. São eles quem cuida dos alimentos que serão levados para o caso de algum imprevisto com o pouso marcado, pois o pouso acontece cada dia em uma casa diferente, passando em todas as casas em que os moradores aceitam receber a chegada da folia e dos foliões.

-caixeiro: é responsável por avisar os moradores de que a folia está no giro, informando pela batida da caixa, essa batida é conhecida como viageiro, o caixeiro também é responsável por acordar os foliões e o dono da casa às 4 da manhã com a batida da caixa.

-violeiros: são os foliões que tocam violas durante os cânticos.

-pandeiristas: responsáveis por tocar os pandeiros para a entoação de cânticos.

A pessoa que faz a escolha dos foliões para a folia é o despachante, ele é o responsável por colocar a folia no giro, como dito anteriormente, a escolha de quem despacha uma folia é feita por pagamento de promessa ou sorteio. Algumas pessoas que não tem costume se oferecem para soltar às folias, já outras se oferecem para pagar promessas, pode ser um ou mais pessoas escolhidas para despachar uma única folia. Cada despachante é responsável por sua própria folia, eles têm que conseguir foliões para o giro da folia e também arrumar os locais onde a folia irá pousar, por arrumar cavalos, carroça e alimentos para levar na arriação.

Quando o despachante não pode ou não tem conhecimento dos foliões, ele arruma uma pessoa para ser coordenador, o coordenador é aquele que organiza e convoca os foliões (violeiros, pandeiristas, cacheiro, encarregado ou alferes e arrieiro), organiza a tropa, marca pouso, que monta a folia e suas necessidades, contudo é o despachante que fica responsável pela despesa disso tudo, o organizador apenas organiza a folia para o despachante, tanto é, que nos panfletos e cartas não tem nome de coordenação, tem é o nome do despachante, porque ele é o foco, pois tem ajuda no patrocínio.

Exemplo: se o combinado com o despachante é dozes foliões, são esses dozes foliões que vão cantar, aí muitas das vezes não dá certo de ir os doze, vão apenas seis ou mais, os que forem pode fazer a mesma coisa que os dozes se tivessem ido fariam, não vai ser o grupo conforme planejado, os dozes apóstolos, mas sobre os foliões isso é relevante, pois o importante é levar a palavra para a comunidade.

Dependendo do combinado com os despachantes, muitas das vezes o folião pode ajudar em outra folia e depois retorna a sua folia de origem. Isso acontece constantemente. Muitas das vezes não é escolha dos foliões ficar em uma determinada folia. Eles não escolhem isso depende do convite do despachante, se o despachante convida o folião para girar uma folia e o mesmo estiver em condições de ir, combina e vai girar isso só depende do combinado com o despachante, ele irá determinar se o folião fica o giro todo, ou só alguns dias. Se acontecer de uma folia convidar foliões de outra folia, não tem problema do individuo aceitar.

Quanto ao pouso o coordenador ou despachante já marca e avisa o encarregado, muitas das vezes algumas pessoas já se oferecem para ter o pouso do Divino na casa delas, e tem que fazer o pedido do pouso com antecedência que é para quando a folia chegar, outras vezes o organizador procura os lugares certos em que os foliões possam pousar, perguntando e pedindo se a pessoa aceitaria um pouso do Divino. Mas já vai ter os lugares marcados desde a saída da folia. Essas visitas nas casas das pessoas é o giro da folia, e esse percurso já está marcado desde antes da saída das folias, o coordenador ou despachante que marca a rota, pois não tem casa exata, mas já tem algumas casas que de costumes recebem a folia todos os anos. O giro é feito para a comunidade inteira, às vezes os residentes não estão em casa, já outras os moradores não recebem os foliões, pois varia a cultura e tradições de cada família.

As folias do Divino Espírito Santo no município de Peixe costumavam a girar por volta dos 20 a 30 ou até mesmo 40 dias como acontece em Natividade (TO). Atualmente os giros das folias acontecem de 10 a 15 dias na região, o período da folia foi reduzido devido à falta de tempo dos foliões, pois eles trabalham para sustentar sua família.

Para compreender a manifestação das Folias no município do Peixe foram realizadas algumas entrevistas com participantes antigos da festa, estas entrevistas

visavam obter destes brincantes suas lembranças acerca da festa. Segundo o senhor Jonas Ferreira da Silva:

Pelo que eu conheço, Natividade é o berço da tradição, de lá começou as regiões a sair às folias e naquela mesma rotina e até hoje continua. Lá sai domingo de páscoa representando a ressurreição de Cristo. E aqui em Peixe sai depois do dia de pentecostes e as folias no município de Peixe saem de 10 a 15 dias girando. Isso é uma forma de evangelização, porque é uma maneira de evangelização que, muitas das vezes, a gente leva a palavra que na verdade, é bíblica, aí a gente pensa em quantas pessoas que não tem no sertão, que não está em condições de ir à igreja, então o que acontece a gente sai evangelizando passando na casa daquele pessoal pregando a palavra como Jesus andou. (SILVA, 2019).

Percebe-se, portanto o quão voltado para a re-encenação dos mistérios bíblicos está a festa do Divino. Seguindo-se a esta fala, o senhor Florentino de Castro de Carneiro conta sobre sua própria experiência com a folia.

Minha influência veio do meu avô, meu pai não era da folia e aí a folia passava em casa, e eu chorava para acompanhar, daí meus irmãos começou a girar e largaram agora em 2019, estou querendo parar também, eu gosto demais. Estou sem voz e já contribuí muito. Girei aqui em Peixe uns 10 ou 12 com os meninos aqui da cidade. Girei na folia do Carijó, da vassoura e é nessa rotina, Nossa Senhora da Abadia e do Divino (CARNEIRO, 2019).

Percebemos nestas falas que a Folia do Divino possuiu uma relação profunda com a construção do povo do Peixe, desde as lembranças mais antigas e infantis. Segue-se ainda a fala do senhor Florentino a respeito das canções, das quais o mesmo participa.

Quem quer ensaiar ou criar cânticos, benditos, marcam na casa de um dos companheiros e lá eles treina e passam para os companheiros os cânticos novos, para cantar com o companheiro. “E aí fulano, vamos ali em casa, para eu passar o que eu fiz”. Muitas das músicas que cantamos aprendemos cantando com o companheiro: “- é prestando assunto”. Eu mesmo, quando era pequeno sabia cantar as rodas dos foliões quase tudo, hoje que eu num (...) mas a gente chega nessa fé, com fé em Deus (CARNEIRO, 2019).

Segundo o senhor Florentino as músicas cantadas nas folias são compostas pelos próprios foliões, depois que um compõe chama os outros para ouvirem. E outras canções vêm de gerações passadas e não se sabe ao certo quem as fizeram.

Seguindo com esses relatos o seu Israel fala como começou fazer dos grupos de foliões que integram as folias:

A folia até onde eu sei, desde quando eu cheguei aqui, a folia já girava, e foi com incentivarão do meu cunhado que eu comecei girar folia. E estamos aí, e sobre o festejo, o padre marca o dia da missa, aí pelo dia da missa o despachante marca a saída da folia. (SANTOS, 2019)

Percebe-se que para se tornar um folião não é necessário cumprir ciclos, mas isso ocorre de uma forma espontânea, nasce do desejo da própria pessoa em fazer parte daquilo, começa frequentando e depois ela já se vê envolvida com isso.

Voltando ao contexto do giro da folia, depois de girar de dez a quinze dias, como dito anteriormente, as três folias fazem o encontro às três horas da tarde na porta da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo em uma quinta-feira que antecede o domingo de Pentecoste.

Dando continuidade ao festejo, na sexta-feira tem a festa do Capitão e da Rainha, no sábado tem a festa da coroação do Imperador e Imperatriz e finaliza no domingo com uma missa solene.

3. ANALISANDO O LOCUS A PARTIR DOS CONCEITOS

Sabendo então como funciona o Festejo do Divino, faz-se necessário aprofundar mais em cada um desses processos que ocorre durante essa festa, analisando o locus, a partir dos conceitos já descritos nesta pesquisa.

3.1. Teatralidade do Festejo do Divino Espírito Santo no Peixe

Como já definido na parte de conceitos que teatralidade vai além da encenação em um teatro, mas que também são aspectos presentes dentro da cultura de um povo. (COSTA, 2008, p. 2)

Assim sendo podemos perceber a teatralidade na Festa do Divino Espírito Santo em Peixe através das encenações de respeito e reverência dos foliões e da população para com a bandeira do Divino ao se ajoelhar e beijar a mesma, nos gestos do encarregado ou alferes ao movimentar a bandeira, de um lado para outro em um ângulo de aproximadamente 180°, sobre os festeiros em sinal de bênção a vida da pessoa que estiver ali embaixo.

Pode-se observar a teatralidade também nas simbologias e no que elas representam:

Bandeira: através dela a fé e a religiosidade são levadas por toda a cidade. A bandeira é vermelha para simbolizar o sangue dos mártires da Igreja, desde os tempos de

Jesus Cristo até os dias atuais. Onde a bandeira passa, são derramadas bênçãos para as famílias. Beijar a bandeira é uma forma de devoção e respeito ao sagrado.

Pomba: sinal do amor de Deus, símbolo de esperança, paz e mansidão. Representa o Espírito Santo como cita na Bíblia. “E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele”. (MATEUS 3:16)

Fogo: este símbolo é bíblico, está em capítulo 2 de Atos dos Apóstolos, quando os apóstolos e Maria se reuniram no Cenáculo e sobre eles vieram a línguas de fogo, estabelecendo assim o dia de Pentecoste.

Água: simboliza a pureza, a vida. O Espírito Santo é a água viva descida do céu para nos lavar e purificar.

Foto 1 - Bandeira do Divino Espírito

Folia Carijó de Cima indo ao encontro das folias na frente da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo.



Fonte: Hotel Mineirinho

A bandeira do Divino Espírito Santo é vermelha (foto 1) e tem a imagem de uma pomba branca, que representa o Divino Espírito Santo e todas as bandeiras contém setes fitas, que simboliza os sete dons do Espírito Santo. Cada cor tem um significado, a cor azul representa sabedoria, a cor prata o entendimento, o verde

conselho, o vermelho fortaleza, amarelo significa a ciência, azul escuro piedade e o roxo temor de Deus.

3.2. Momento da performance

Para acontecer o Festejo do Divino Espírito Santo, embora seja algo tão espontâneo, há sempre um roteiro a ser seguido todos os anos como iremos detalhar logo abaixo.

3.2.1. Folia

O primeiro a chegar à residência é o arrieiro, pois ele é o primeiro guia. Em seguida tem mais um que é o caixeiro, porque é com o som da caixa que chega a folia, os foliões chegam a casa, a primeira coisa que os foliões fazem é descer dos cavalos, o dono da casa e o pessoal que está acompanhando beijam a bandeira.

Em seguida os foliões se organizam para cantar o cântico de agasalho, ou o cântico do morador, o canto da licença para o morador, que tem como finalidade pedir o pouso.

*Deus te vos salve a santa hora
 Que os anjinhos no céu falou
 Nós estamos chegando agora
 Boa noite morador!*

*Nós estamos chegando agora
 Boa noite morador!
 Boa noite morador!*

*Meu Divino quem tá dizendo
 Boa noite morador!*

*Meu Divino quem tá dizendo
 Foi chegando a sua porta
 sua casa foi bezendo
 A sua casa foi bezendo
 No principio do seu terreiro
 Para nós se agasalhar
 Licença eu peço primeiro*

Me dê licença meu Divino
Nós queremos desaparecer
Dono da casa tem grande gosto
Seus corações alegrar
senhor dono da casa
põe o pé no seu batente
Senhor dono da casa
põe o pé no seu batente
saia fora e venha ver
meu Divino em sua frente
saia fora e venha ver
Meu Divino em sua frente
Meu Divino em sua frente
Cheirando cravos e rosas
Meu Divino em sua frente
Cheirando cravos e rosas
Trazendo vida e saúde
Pra meus senhores e senhoras
Meus senhores e senhoras
Bem alegres debes estar
Meu Divino Espírito Santo
Que na sua casa veio pousar

Após cantar o cântico do agasalho se a pessoa que está recebendo a folia em sua casa pedir para os foliões cantarem o cântico do morador, eles são obrigados a cantar:

Nome do Pai, nome do filho.
Nome do Espírito Santo
É começo de oração e
Princípios para todos os cânticos.
Princípios para todos os cânticos
Na sua casa chegou
Vem pedindo sua boa esmola

*Pra levar pro imperador.
 A esmola que ele pede
 Mas não é por precisão
 Ele pede pra experimentar
 Quem dá de bom coração.
 Jesus Cristo ia pra Roma
 Encontrou nossa senhora
 Quando viu que era sua mãe
 Ajoelhou na mesma hora
 Cobriu eles com a bandeira
 Cheira de fita amarela
 É meu Divino Espirito Santo
 Que vem retratado nela.*

Depois o morador serve a janta, e após a jantar os foliões se prepara para cantar outro Cântico do Bendito, cantam em agradecimento a Deus pelo alimento:

*Pelas primeiras palavras
 que os anjos me disseram,
 para nós poder rezar
 faça vênias meu Alferes.
 Faça vênias meu Alferes,
 por cima da bela mesa.
 Agora vamos rezar
 a comunhão da Santa Igreja.
 A comunhão da Santa Igreja
 rezemos com reverência,
 Para nós poder rezar
 pedimos a vossa licença*

O Canto do Bendito é uma oração de agradecimento pelos alimentos servidos nas principais refeições. No término do bendito, eles fazem um recorte em forma de oração para que todos possam beijar a bandeira, após todos os foliões retornarem aos seus lugares de origem. Os foliões começam outro recorte, onde o

dono da casa pega a bandeira e guarda, quando o dono da casa leva a bandeira para o quarto, bate os pandeiros, termina o Cântico.

Os foliões começam a tocar a Súcia de petição para o dono da casa dançar “eu quero ver, quero ver o dono da casa dançar”. Caso ele não dance os foliões seguem cantando “eu não vi, eu não vi o dono da casa sair”. Depois disto costuma ter brincadeiras, como a súcia ou súcia que é uma dança típica do estado do Tocantins, geralmente é dançada por um casal, sempre que uma pessoa entra a outra sai.

Em seguida começa as rodas, são momentos em que os foliões se reuniram em roda para cantar. No momento das rodas, os cata pouso, pessoas que seguem a folia, animam e apoiam os foliões.

Depois todos vão dormir, e na manhã seguinte, o caixeiro bate à caixa as 04h30min da manhã para acordar o povo, o caixeiro é como um despertador.

Todos os dias pela manhã, quando os foliões levantam, eles têm um momento de oração, nessa hora ninguém pode usar chapéu na cabeça, cantar de short e com a camisa aberta ou cavada, isso é falta de respeito com o morador e Divino Espírito Santo, fazem a leitura do dia e levam a evangelização para os moradores. Beija a bandeira e quem se sentir a vontade para falar, é aberto para qualquer um, cata pouso, qualquer pessoa pode dar o testemunho, é aberto, não é obrigado a pedir em voz alta, tem direito de pedir em silêncio também, terminou tudo, reza se um Pai Nosso, depois todos se reúnem em volta da mesa e cantam o Crê em Deus Pai e mais outros hinos católicos, nisso o encarregado passa a bandeira em cima de todos para as pessoas ao redor beija a bandeira, todos beijam e guardam a bandeira novamente e o cântico para levar a bandeira é diferente. Depois de guardar a bandeira os foliões aguardam a permissão do encarregado para tomarem café.

Depois de tomarem café os foliões estão liberados para um breve descanso até a hora do almoço. Almoçam e depois rezam um bendito, logo em seguida cantam o cântico do morador, caso ainda não tenham cantado e cantam um cântico de despedida.

Após de se despedirem os foliões prosseguem com a folia para outra casa e esses processos se repetem até o final do giro da folia.



Fonte: Neila Pereira dos Santos

3.2.2. Encontro das Folias

Em uma quinta feira que antecede o domingo de Pentecoste. O encontro das folias acontece em frente à Igreja Matriz do Divino Espírito Santo e conta com a participação das Folias do Carijó de Cima, Vassoura e Miradores que chegam do giro. É preciso dizer que esse encontro é anunciado através de fogos que os festeiros que seguem a folia soltam para anunciarem sua chegada.

Esse encontro acontece da seguinte maneira: conforme combinado, as folias chegam juntos se reúne formando uma roda onde cantam e rezam. Neste momento os alferes de cada folia carregando sua bandeira vão se aproximando do centro da roda ao som de cânticos que animam os festeiros, fazem performances como se ajoelhar e girar a bandeira em 360° até chegarem ao centro onde se encontra um tapete com três almofadas vermelhas que representa cada folia.

Uma bandeira do Divino Espírito Santo, maior que as demais e fica dentro da Igreja Matriz, também participa desse encontro e ela é a guia as demais na hora de se reunirem no centro.

Foto 3 - Encontro das três Carijó de Cima (azul), Vassoura (vermelho) e Miradores (verde).



Fonte: Hotel Mineirinho

3.2.3. Festa do Capitão do Mastro e Rainha

Esse evento ocorre na sexta feira da seguinte forma: a população leva o Capitão do Mastro e Rainha em cima do mastro fazendo um movimento vai e vem deste suporte.

Logo após há uma celebração na casa com forró e música ao vivo, bolos, churrasco, dança arrasta pé, licores, pinga, cerveja, biscoitos, refrigerantes, sucos e amor perfeito.

3.2.4. Festa do Imperador e da Imperatriz

A festa do Imperador e da Imperatriz acontece dois dias após o encontro das folias, no sábado. Começa com uma missa na Igreja Matriz com rezas, canções religiosas e o sermão do padre.

Depois disso as pessoas se dirigem para casa do Imperador onde acontece uma festa regada a licores, sucos de caju, goiaba, manga, murici e bolos típicos da região, além de churrasco, bebidas alcoólicas e muito forró.

3.2.5. Personagens

12 Foliões (dois violeiros, um caixeiro, um alferê, um ou dois arrieiros e os demais são pandeiristas) para cada folia. São os demais: 1 Capitão do Mastro, 1 Rainha, 1 Imperador, 1 Imperatriz, 1 Despachante, 1 Padre, Boleiras, Vaqueiros, Cata-pousos além da população em geral.

3.2.6. Figurino

Geralmente na folia, o despachante escolhe a cor padrão do uniforme, eles usam camiseta de manga comprida, calça, botina e chapéu de couro ou de palha. Sobre as cores das roupas, fica a critério do despachante. O Alferê é diferenciado dos foliões, os foliões usam chapéu de couro ou de palha, o encarregado usa terno, gravata e chapéu de massa não se mostrar superior ao demais, mas sim para ser facilmente identificado.

O figurino do Capitão do Mastro é terno e gravata e da Rainha é um vestido longo rodado que se assemelha as que as rainhas usavam na época que o imperialismo reinava no Brasil.

O imperador veste paletó, camisa e calça social, além de sapatos sociais. Para completar são coroados com uma coroa na cabeça. A imperatriz também é coroada e usa um vestido que lembra uma imperatriz da época do colonialismo.

3.2.7. Comidas

As boleiras são mulheres católicas que voluntariamente se oferecem para fazer as comidas servidas na festa do Capitão Do Mastro e Rainha e do Imperador e Imperatriz.

As comidas servidas nestas festas são: amor perfeito, trovão, douradinhos, pipocas, quebrador, bolos de arroz, paçocas, bolachas goianas, além de licores de jenipapo, murici e araçá.

Foto 4 - Momento da refeição
Festeiros comem bolos e bebem bebidas típicas do Festejo



Fonte: Neila Pereira dos Santos

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O festejo do Divino Espírito Santo representa uma manifestação artística e religiosa marcante da cultura popular do município de Peixe. A função que a Festa do Divino Espírito Santo realiza é claramente social. A folia é um elemento que liga famílias amplamente dispersas e pequenos grupos vizinhos. A visita da folia os faz lembrar que pertencem a uma grande comunidade. Aproximadamente cem ou mais pessoas se reúnem nas festas satélites onde oportunamente os valores tradicionais e a cultura comum são reforçados. O maior festival, um evento que dura no mínimo dez dias, exerce uma grande força centrípeta sobre milhares de pessoas, oferecendo a elas uma oportunidade única para unir os objetivos sagrados e seculares. É difícil ver outro dispositivo cujos efeitos integradores possam ser comparados com os que foram aqui mencionados.

Dito isso, é preciso dizer que o objetivo de identificar a teatralidade desse Festejo, depois de conhecer a proposta conceitual do que significa isso, ficou fácil. Pois do começo ao fim há muitas performances com linguagens não verbais, movimentos, gestos que para quem participa tem significados sagrados.

A devoção, a fé dos festeiros impressiona qualquer um que se dispõe a assistir esse espetáculo religioso, nada do que fazem para eles é vão, são uma mistura de emoção, crenças, rituais.

O que se observa ali é simplesmente cultura, genuína. Uma festa cultural, cheia de mitos e tradições, sem se render ao elitismo, cânticos de fácil interpretação, letras não muito elaboradas, mas que vem carregada de sentimentos desde sua composição até na hora de sua execução. Isso define muito bem o que é o Festejo do Divino Espírito Santo no município de Peixe Tocantins.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ªed. São Paulo: Brasiliense, 1990. 83 p.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

BRASIL. Censo Populacional 2018. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. V 4 .3.17.1

BRASIL. Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. 1 de julho de 2008.

CANEDO, Daniele. **“Cultura é o quê?” - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. Salvador: 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em: 24 jul 2018.

CHARTIER, Roger. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico** In: Estudos históricos, Vol. 08, nº16. Rio de Janeiro, 1995.

COSTA, Laís Batista. **A teatralidade nas manifestações de cultura popular**. Minas Gerais: XII Seminário de Iniciação Científica, 2008.

MATTA, Roberto da. **Você tem cultura?** Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.

DIANA, Daniela. **O que é Cultura?** Toda Matéria. 2018. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>>. Acesso em: 22 abr 2018.

GOIÁS. **Lei estadual nº 64 20 de junho de 1895**. 20 de junho de 1895 .

GONÇALVES, Jean Carlos; PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Teatralidade, Performance e Educação**. Educ. rev. vol.34 nº.67 Curitiba Jan./Feb. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.56133>>. Acesso em: 15 jan 2019.

KANT, I. **Resposta à pergunta: o que é esclarecimento**. In: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica de cultura**. Tradução Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

DA MATTA, Roberto. Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.

MINTZ, Sidney W. **Cultura**: uma visão antropológica. 2009. Tradução de ensaio "Culture: An Anthropological View, publicado originalmente em The Yale Review, XVII (4), 1982, p. 499-512. Revisão de Leda Maia, Maria Regina Celestino de Almeida e Cecília Azevedo.

MORGADO, Ana Cristina. **As múltiplas concepções da cultura**. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n. 1, mar. 2014. Disponível em <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2333/1544>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

MOSTAÇO, Edelcio. Teatro e História Cultural. **Baleia na rede** - Estudos em arte e sociedade. Vol. 9, n. 1, 2012.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (Orgs). Literatura e cultura. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio, 2008. (Coleção Teologia e Ciências Humanas, 14).

OLIVEIRA, Cíntia de Faro Meio; MAGALHÃES, Maria Dóris Cipriani. **Festa do Divino Espírito Santo**. Formosa, 2015. Disponível em: <Festa do Divino Espírito Santo >. Acesso em: 07 maio 2019.

OLIVEIRA, Hayaldo Copque Fraga de. **Teatralidade nas obras de Marc Chagall**. V. 11, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3325>>. Acesso em: 25 abr 2019.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **O conceito antropológico de cultura**. Disciplina: Antropologia da religião. Brasília, 2010

OLIVEIRA, Nilton Marques de. **Transição do norte de Goiás ao território do estado do Tocantins**. Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína (TO), Ano 07, n.12, abr./jul. de 2018.

PEIXE. Prefeitura Municipal de Peixe. **História**. Peixe, 2017. Disponível em: <<http://www.peixe.to.gov.br/Nossa-Cidade/Historia/>>. Acesso em 22 mar 2018.

PORTO, Cristina de Magalhães. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica**. In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 93-122. ISBN 978-85-232-1181-3. Available from SciELO Books.

QUEIROZ, Cleira. **Turismo no Tocantins**. Peixe, 2016. Disponível em: <<http://turismonotocantins.com.br/peixe-tocantins-beleza-cultural/>>. Acesso em 22 mar 2018.

RAMOS, Luiz Fernando. Teatralidade e Antiteatralidade. vol. 13, n. 1, jun 2013, p. 3-12. São Paulo: Ppgac, 2013.

ROCHA E SILVA, Anna Flávia. **Correspondentes internacionais**: um diálogo entre culturas. 2005. Monografia (Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM - UFJF), Juiz de Fora, 2006.

SANTANA, Lorena Rodrigues. *Folia do Divino Espírito Santo: caminhos de fé e tradição*. 2013. 87 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Jéssica Francisco da. **A importância da cultura na sociedade**. 2012. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-cultura-na-sociedade/96871>> Acesso em: 25 jul 2018.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

THOMAZ, Suzana. Teatralidade, entre Teorias e Práticas: um olhar sobre a abordagem do Théâtre du Soleil. *Rev. Bras. Estud. Presença* vol.6 no.2 Porto Alegre May./Aug. 2016. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-26602016000200309&script=sci_arttext&tIng=pt>. Acesso em: 18 jan 2019.

WILLEMS, Emílio. **Aspectos aculturativos da festa do Divino Espírito Santo no Brasil**. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.23.1, 2016, p.141-150.